

DEVER DE CONTENÇÃO

CORREIO BRAZILIENSE

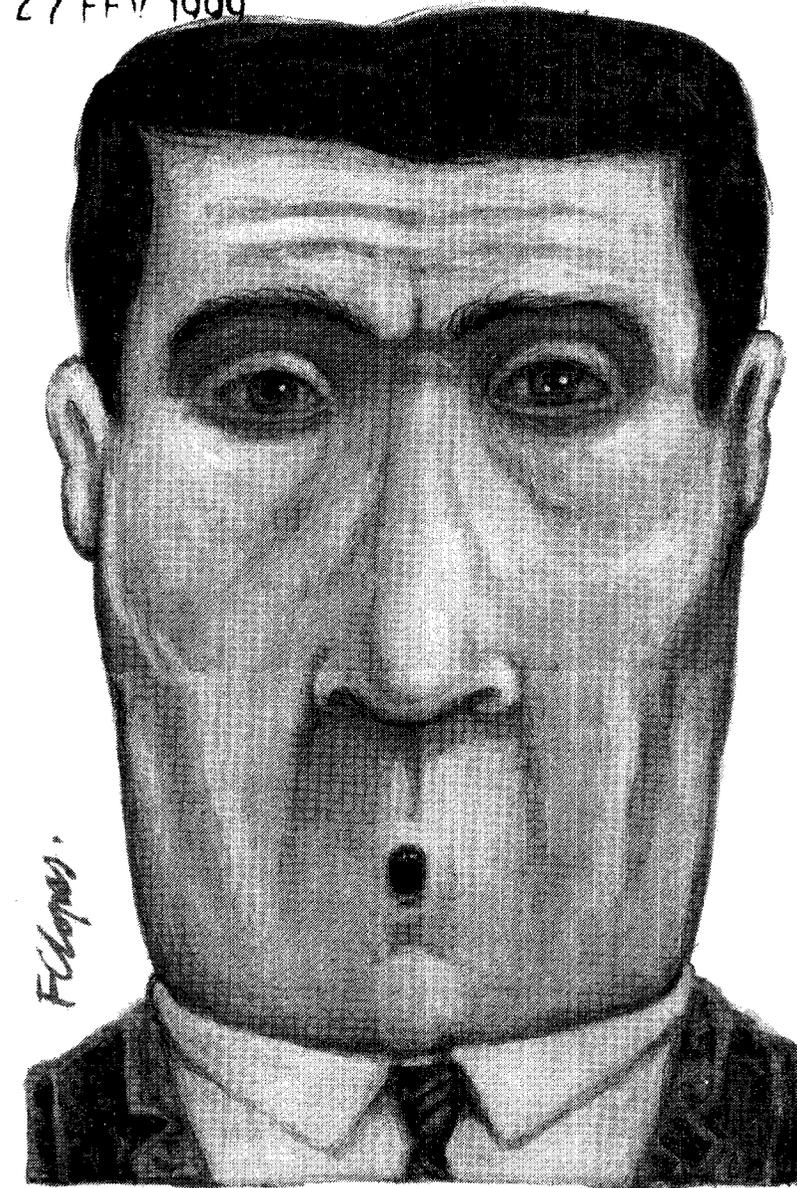
Josaphat Marinho

27 FEV 1999

A palavra é arma perigosa. Conduz ao amolecimento como à exaltação e ao descomedimento. Quem não a domina por inteiro corre riscos imprevisíveis. As circunstâncias provocam colapsos fatais ou ênfase inconveniente ou imprópria. Mesmo nos oradores fulgurantes, há dias sem inspiração ou de entusiasmo exagerado. É conhecido e sempre lembrado o fato da moleza ou apatia de José do Patrocínio, num comício em que defendia a Monarquia contra a pregação republicana de Silva Jardim. A falta de vibração do tribuno desconcertava o povo. Para despertá-lo, foi preciso que Paulo Ney, seu amigo, do meio da multidão e sem se identificar, desfechasse forte provocação ao orador, gritando: "Cala a boca, negro!" Foi o bastante para que a energia ferida explodisse em torrente de eloquência.

João Neves da Fontoura foi o grande orador da Aliança Liberal. Conta em suas memórias que, tendo de falar em Recife, região que não lhe era muito conhecida, preferiu escrever o discurso. Proferiu-o no Teatro Santa Isabel. Sentia que a oração agradava, mas não estava empolgando. Num dado momento, refere ele, dobrou as folhas escritas e disse livremente o que estava contido e disciplinado no papel. E a massa vibrou. Mas acrescentou uma observação, que é conselho a todos os oradores: só se improvisa bem o que se conhece profundamente. Essas palavras, que recorde de memória, são advertência constante a quem tenha o dever de falar em público.

O homem de Estado, sobretudo, deve estar permanentemente prevenido do que diz. Porque sua palavra tem alcance geral e pode ser diferentemente interpretada. Uma expressão, um conceito, uma referência, uma alusão incerta geram especulações e efeitos múltiplos, por vezes constrangedores para o



governante. A palavra dele emergente deve ter medida, clareza, alcance determinado. Se envolve insinuação, abre margem a comentários, por vezes equívocos, geradores de atrito, ou de resposta igualmente imprópria. Por isso é que vários chefes de Estado usam sempre o texto formulado.

Professor e portador de palavra fácil, o presidente Fernando Henri-

que Cardoso costuma discursar, senão de improviso, dispensando o texto. Por algumas vezes o que assim disse já suscitou controvérsias, que recomendaram explicações, nem sempre convincentes. Agora mesmo a imprensa noticia que, falando no estado do Espírito Santo, aludiu a "muita gente cuja corda na mão é a de Silvério dos Reis, não a de Tiradentes". Essa referência, em-

bora não personalizada, vai direta ao governador Itamar Franco, assim equiparado a um traidor, como assinalaram vários jornais. E é difícil dar outra interpretação, ou destino diverso.

Ora, o presidente da República, para preservar sua autoridade, não deve expor-se a rebates violentos. Pode recebê-los, porém, diante de frases ambíguas que profira. Também lhe cabe, normalmente, a precisão, para evitar a necessidade de esclarecimento. No caso, a alusão é tanto mais imprudente porque se presume dirigida ao governador de um estado, e grande estado, e ex-presidente da República. Trata-se, portanto, de alguém com titularidade de relevo na vida pública do país.

Cresce a inoportunidade da referência porque feita num instante em que a relação entre o governador mineiro e o chefe de Estado é marcada por dissensão evidente, e que se prolonga. Não importa indagar onde reside a razão. Essencial é que a divergência, ainda agravada, precisa ser mantida em altitude compatível com o respeito necessário a detentores de mandato popular. Demais, sendo o regime formalmente federativo, os vínculos que ligam os governantes das diversas unidades de poder autônomo aconselham o uso de freios e contrapesos, e não de ações descompassadas.

Não se há de presumir que os dois chefes de governo, e amigos de ontem, tenham a intenção de ferir-se reciprocamente, por palavras inadequadas. Cabe-lhes, contudo, dar o exemplo de comedimento, que seja educativo. No curso de uma crise inquietante, a sociedade reclama dos dirigentes atos de tolerância e reflexão, e não de impetuosa autoridade.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia